

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACVEST
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

GUSTAVO GOETTEN KLAAR

**A ESCRITA COMO FORMA DE DENÚNCIA SOCIAL NA OBRA DE LIMA
BARRETO**

SANTA CECÍLIA-SC

2022

A ESCRITA COMO FORMA DE DENÚNCIA SOCIAL NA OBRA DE LIMA BARRETO

Gustavo Goetten Klaar¹

Janaína Neves Maciel²

Cristian Roberto Antunes de Oliveira³

Fabiana Carbonera Malinverni de Melo⁴

RESUMO

O artigo tem como objetivo expor a escrita como forma de denúncia social na obra de Lima Barreto, bem como suas características e personagens históricos. Nesse sentido, os objetivos são a conscientização a respeito dos problemas sociais durante o início da Primeira República. Além disso, o artigo busca estabelecer um contraponto entre a História do Brasil e a literatura brasileira do final do séc. XIX e início do séc. XX. No que diz respeito à metodologia utilizada, optou-se pela metodologia bibliográfica. Com relação aos resultados, é esperado que seja evidenciada a função historiográfica da literatura barretiana, bem como a capacidade do autor em retratar os personagens do seu tempo e sociedade.

Palavras-chave: Lima Barreto; Racismo; Exclusão; Desigualdade; Preconceito

ABSTRACT

The article aims to expose writing as a form of social denunciation in the work of Lima Barreto, as well as its characteristics and historical characters. In this sense, the objectives are to raise awareness about social problems during the beginning of the First Republic. In addition, the article seeks to establish a counterpoint between the History of Brazil and Brazilian literature at the end of the 20th

¹ Graduação em Licenciatura plena em História/UNIFACVEST. E-mail do autor: gustavo.klaar@gmail.com

² Orientadora. Graduada e Mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutoranda pela UFSC.

³ Doutor em Educação pela Universidade de Caxias do Sul. Mestre em Educação pela Universidade do Planalto Catarinense. Graduado nas Licenciaturas em História, UNIASSELVI.

⁴ Mestrado em Ciências da Computação, com habilitação em Informática na Educação, UFSC. Graduada em Pedagogia UNIPLAC.

century. 19th and beginning of the 19th century. XX. With regard to the methodology used, the bibliographic methodology was chosen. Regarding the results, it is expected that the historiographical function of Barretian literature will be evidenced, as well as the author's ability to portray the characters of his time and society.

Key-Words: Lima Barreto; Racism; Exclusion; Inequality; preconception

1. Introdução

Tendo em vista os tempos sombrios pelos quais a sociedade brasileira tem passado, sobretudo no que diz respeito ao negacionismo e a fala de autoridades que afirmam não existir discriminação racial no Brasil, o presente trabalho tem como objetivo analisar de maneira profunda como o escritor Lima Barreto denunciou as mazelas da sociedade brasileira no seu tempo.

Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica teve como base, além da obra do próprio autor, o livro: “Lima Barreto - Triste visionário”, da historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz. Dessa forma, serão analisados os temas que o escritor abordou em sua obra, tais como: o preconceito contra o negro; a hipocrisia e o falso moralismo da Igreja e das elites dominantes; o eugenismo⁵ e a marginalização social dos excluídos e oprimidos.

A contribuição que este trabalho pretende oferecer diz respeito à conscientização a respeito dos temas denunciados pela escrita do autor Lima Barreto, bem como o contexto histórico e os fatos por ele analisados durante a transição do Império para a República Velha.

Dessa forma, o artigo está estruturado a partir de citações retiradas das obras do próprio autor. Assim, antecedendo cada citação, é traçado um paralelo com o contexto histórico que a situa. Por fim, os maiores beneficiados com a

⁵O Eugénismo foi uma ideologia criada na Inglaterra do Séc. XIX, que pregava que a raça branca seria superior as demais.

execução dessa pesquisa serão os interessados em adquirir mais conhecimento a respeito da obra de Lima Barreto, bem como, de sua contribuição para a formação da literatura nacional de cunho crítico e historiográfico.

2. HISTORIOGRAFIA NA OBRA DE LIMA BARRETO

2.1 O RACISMO NA OBRA DE LIMA BARRETO

A partir da abolição da escravatura no Brasil em 1888, tornou-se evidente a necessidade da inclusão social do negro na sociedade brasileira. Tendo em vista que Barreto era neto de ex escravos ⁶e tinha sete anos de idade quando a princesa Isabel assinou a lei que tornava os escravizados livres, torna-se claro na obra do autor a denúncia da condição dos ex cativos no pós abolicionismo.

2.1.1 RACISMO EM “O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

No livro escrito em 1911, a história se passa entre os anos de 1891 à 1894, quando o país era governado por Floriano Peixoto. No romance, há um personagem cujo nome é Ricardo Coração dos Outros: professor de violão do personagem central: Policarpo Quaresma. Nesse sentido, em trecho do livro há passagem que aponta o pensamento vigente na época, como em:

“A velha irmã de Quaresma não tinha grande interesse pelo violão. A sua educação que se fizera, vendo semelhante instrumento entregue a escravos ou gente parecida, não podia admitir que ele preocupasse a atenção de pessoas de certa ordem” (p. 83).

Tal passagem refere-se à mentalidade de Adelaide, irmã de Policarpo, que inferiorizava o violão e Ricardo: violonista, por ambos remeterem à escravidão. Ainda no mesmo livro, Barreto aborda outra questão relacionada à abolição da escravatura, que diz respeito ao fato de ex escravos optarem em permanecer morando com seus senhores. Nesse sentido, o romance apresenta o personagem Anastácio, “O preto Anastácio, que lhe servia há trinta anos” (p. 25) tornando-se um “agregado” de Policarpo e não mais um empregado (p. 129). Tal passagem evidencia a dificuldade do homem negro que adquiriu a liberdade,

⁶ Conforme artigo no site da Biblioteca Nacional, cujo título é: “Lima Barreto, a voz da gente do povo”. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/en/node/6558>

mas não a cidadania, tão necessária para sobrevivência na Primeira República que se iniciava. Por fim, a personagem Olga, afilhada de Quaresma, tece comentários acerca da realidade enfrentada pelos oriundos da escravidão ao realizar um passeio próximo a chácara habitada por Policarpo: [...] aquilo era uma situação do camponês da Idade Média e começo da nossa: era o famoso animal de La Bruyère que tinha face humana e voz articulada... (pp. 138-139)

2.1.2. RACISMO E RELIGIOSIDADE NO CONTO: “O PECADO”

O conto “O pecado” foi publicado na Revista Souza Cruz em agosto de 1924 e evidencia a discriminação racial vivida pelos egressos da escravidão. O conto retrata a história de uma alma que após a morte vai para o céu, mas que apesar de não ter cometido nenhum pecado em vida, é condenada ao purgatório única e exclusivamente pelo fato de ser proveniente de um corpo negro. “Dessa vez ao contrário de todo o sempre, São Pedro, antes de sair, leu de antemão a lista; e essa sua leitura foi útil, pois que se a não fizesse talvez, dali em diante, para o resto das idades - quem sabe? – o Céu ficasse de todo estragado”. (Barreto, 2004, p. 64). Nesse trecho, o autor evidencia além do aspecto discriminatório a hipocrisia da Igreja Católica que durante a Idade Moderna foi uma das maiores proprietárias de escravos da humanidade.⁷ Ainda no mesmo conto, outra passagem reforça a ideia do embranquecimento no país. Nesse sentido, de acordo com: (Barreto, 2004, p. 65):

São Pedro, como de costume, passa no departamento burocrático que seleciona as almas que entrarão ou não no céu naquele dia. Conferindo a lista dos “aprovados”, ele observa os seguintes dados: “P.L.C., filho de..., neto de..., bisneto de... _ Carregador, quarenta e oito anos. Casado. Casto. Honesto. Pobre de espírito. Ignaro. Bom como São Francisco de Assis. Virtuoso como São Bernardo e meigo como o próprio Cristo. É um justo”. São Pedro afirma ao escriturário que é pena, pois tal alma merecia permanecer ao lado de Deus para sempre. Ao que o escriturário pergunta intrigado por que “merecia”? “Levando o dedo pela pauta horizontal e nas ‘Observações’, deparou qualquer coisa que o fez dizer de súbito:
- Esquecia-me... houve engano. É! Foi bom você falar. Essa alma é a de um negro. Vai para o purgatório”.

⁷ A Companhia de Jesus foi a maior proprietária de escravos de Angola no século 17. Fato este retirado do artigo: “A Igreja Católica e a escravidão: fatos e mistificações”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/paulo-cruz/a-igreja-catolica-e-a-escravidao-fatos-e-mistificacoes/>

2.1.3 RACISMO EM “RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA”:

Em recordações do escrivão Isaías Caminha, o personagem principal é um funcionário público que ascende socialmente na Primeira República, a partir de seus esforços para conquistar um diploma universitário. Entretanto, no decorrer da história, o personagem entende que apesar do ensino superior adquirido, terá sérias dificuldades para se afirmar socialmente, isso porque é afro descendente. Nesse sentido, o autor busca expor o preconceito presente no cotidiano do povo afrodescendente. Assim, ainda que o negro tivesse competência para atividades intelectuais, era julgado inapto para tal atividade. Tal cenário ainda persiste no país, tendo em vista a diferença salarial existente entre negros e brancos.⁸

“Era uma desigualdade absurda, estúpida, contra a qual se ia quebrar o meu pensamento angustiado e os meus sentimentos liberais que não podiam acusar particularmente o padeiro” (BARRETO, 1990, p. 60).

O personagem escrivão Isaías Caminha tece reflexões relevantes acerca da condição do negro na sociedade brasileira, tal como no seguinte trecho:

Admirava-me que essa gente pudesse viver, lutando contra a fome contra a moléstia e contra a civilização; que tivesse energia para viver cercada de tantos males, de tantas privações e dificuldades. Não sei que estranha tenacidade a leva a viver e por que essa tenacidade é tanto mais forte quanto mais humilde e miserável (BARRETO, 1990, p. 110).

2.1.4: RACISMO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM “CLARA DOS ANJOS”:

No último livro escrito por Lima Barreto, denominado: “Clara dos Anjos”, o autor aborda a questão da mulher negra na sociedade pós abolição da escravatura e proclamação da república. Na obra, o autor denuncia a condição do negro pós império em que há resquícios consideráveis da escravidão. A personagem principal, Clara, filha de um carteiro e uma dona de casa, é retratada tendo como perspectiva a visão que o homem branco, em grande parte, possuía acerca da mulher negra brasileira.

A filha do carteiro, sem ser leviana, era, entretanto, de um poder reduzido de pensar, que não lhe permitir meditar um instante sobre o destino, observar os fatos e tirar ilações e conclusões. A idade, o sexo e a falsa educação que recebera, tinham muita culpa nisso tudo; mas a sua falta de individualidade não corrigia a sua obliquada visão da vida.” (BARRETO, 2002., p. 90.)

⁸ Pesquisa recente do IBGE aponta diferença salarial significativa, conforme artigo na revista UNISINUS: “Diferença de salários entre negros e brancos do Brasil é de 73,9%, aponta IBGE” Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594353-diferenca-de-salarios-entre-negros-e-brancos-do-brasil-e-de-73-9-aponta-ibge>

Tendo em vista que a obra foi concebida no início do séc. XX, havia ainda na sociedade brasileira ex escravos que coabitavam com seus ex senhores. Nesse sentido, o relacionamento de homens brancos com suas “criadas” era algo comum. O autor aborda o tema retratando o envolvimento da protagonista: homem branco, que a seduz e tira sua virgindade e para os valores da época, sua honra.

Outra personagem importante do romance é Inês, que foi a primeira vítima de Cassi Jones. Nesse sentido, após se envolver com homem branco, a personagem é expulsa de casa grávida e sem contrair o matrimônio com seu algoz, encontra na prostituição sua fonte de sobrevivência. Dessa forma, Barreto demonstra que o homem da cidade contrai, em parte, papel semelhante ao desempenhado pelo capataz e senhor de engenho abusadores na escravidão.

2.2 A MARGINALIDADE NA OBRA DE LIMA BARRETO

Além do preconceito racial, outro tema presente na obra barretiana diz respeito à marginalidade. A condição de negro, pobre e suburbano pode ter contribuído para que o autor tenha evidenciado tais características em sua obra. Isso porque, apesar de ter frequentado o ensino superior e não conseguido concluir, Barreto expõem em sua obra suas angústias e dilemas existenciais ao se relacionar com a elite do Rio de Janeiro do Séc. XIX na Primeira República.

Ademais, o autor enfrentou problemas com o alcoolismo durante grande parte de sua vida, o que o levou a internações dada a sua luta contra a doença. Tais situações o levaram a escrever duas obras que retratam um pouco da realidade dos hospícios em que os alcoólatras eram internados durante o período do final do Séc. XIX e início do Séc. XX. Assim, o presente capítulo aprofundará passagens de “Diário do Hospício” e “O cemitério dos vivos”, ambas literaturas que tem como tema principal a marginalização dos doentes mentais.

Por fim, serão abordados neste tópico três contos barretianos cujo o foco de análise será a condição de marginal das personagens principais. Tais obras são as seguintes: “O homem que sabia javanês”, “O moleque” e “Cló”.

2.2.1 MARGINALIDADE NAS OBRAS: “DIÁRIO DO HOSPÍCIO E CEMITÉRIO DOS VIVOS”

Lima Barreto teve que abandonar os estudos para tornar-se provedor em sua casa. Assim, como era de costume em sua época, tornou-se intelectual funcionário público. Além disso, teve que lidar com o sofrimento do pai que com o passar do tempo acabou sofrendo de doenças mentais e abandonou o emprego.

Conforme aponta (Barbosa, 2017, p.225):

Em *O cemitério dos vivos*, o romancista não procura dissimular, na figura do protagonista principal, os seus próprios traços pessoais, e, mais do que isso, nem sequer se dá ao trabalho de esconder as circunstâncias que determinaram a ambos, ao criador e à criatura, o mesmo destino. Como Lima Barreto, Vicente Mascarenhas contava então “trinta e poucos anos”, tinha a mesma “fama de bêbado” e era, exatamente como ele, “tolerado na repartição”, que o aborrecia.

Nesse sentido, na primeira obra, é possível verificar acontecimento verídicos retratados enquanto que na segunda obra, o autor traça um retrato autobiográfico no que diz respeito aos seus problemas de saúde e alcoolismo. pelo autor que sucumbiu à problemas psicológicos. Assim, o autor retrata as angústias de viver em um manicômio durante o período da primeira república.

Em uma das passagens de “Diário do Hospício”, o autor narra o momento em que um dos internos é agredido e acaba sofrendo um ataque dos nervos. Isso reforça o fato de que a marginalidade e a loucura estão interconectadas. Conforme (BARRETO, 2010, p. 86): Caranguejo, um aleijado, cansado das perseguições que sofria, alterado, gritava: “– Eu não sou nada! Ponha tudo isso fora”. Dessa forma, Barreto reforça a ideia de que não só a negritude está relacionada à marginalidade, mas também a condição psicológica e social em que viviam os pacientes nas instituições de acolhimento dos Sécs. XIX e XX.

Em suma, analisando as obras acima citadas, depreende-se que Lima em certos momentos acaba por identificar-se com personagens por ele retratados. Tal situação pode ser percebida, por exemplo, quando o autor retrata Visconde Mascarenhas, protagonista do conto: “O cemitério dos vivos”. Segue trecho de um dos mais renomados biógrafos do autor, Francisco de Assis Barbosa:

Em *O cemitério dos vivos*, o romancista não procura dissimular, na figura do protagonista principal, os seus próprios traços pessoais, e, mais do que isso, nem sequer se dá ao trabalho de esconder as circunstâncias que determinaram a ambos, ao

criador e à criatura, o mesmo destino. Como Lima Barreto, Vicente Mascarenhas contava então “trinta e poucos anos”, tinha a mesma “fama de bêbado” e era, exatamente como ele, “tolerado na repartição”, que o aborrecia. (2017, p.225)

Dessa forma, nota-se que a loucura não é presente somente na obra ficcional do autor, mas também é tema de cunho pessoal para o escritor carioca. Ademais, através das obras acima mencionadas, Lima expôs o tratamento que os denominados “loucos” recebiam nos hospícios daquele período no Brasil. Nesse sentido, o autor busca através de sua obra expor as mazelas sociais na República que se iniciava naquele contexto em que o Rio de Janeiro era a capital da federação e, portanto, o epicentro das transformações sociais e culturais. Tal fator encaixa a obra do autor na escola denominada pré modernismo, a qual precedeu a semana de Arte Moderna de 1922, ocorrida em São Paulo e que iria transformar o sentido do cinema, música e literatura nos anos seguintes no país.

2.2.2 MARGINALIDADE NO CONTO: “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”

O conto o homem que sabia javanês retrata um personagem que finge ser quem não é, ou seja, mascarará um papel para ter acesso à espaços que o mesmo teria dificuldade de acessar sem as “credenciais” que lhe são necessárias. Assim, o protagonista Castelo, atua como um professor de javanês após encontrar um anúncio em um jornal contratando um professor para tal idioma. Nesse sentido, tendo como objetivo sair da marginalidade, o personagem vê uma oportunidade de ascensão social a possibilidade de lecionar a língua javanesa.

No conto, Castelo ludibria as pessoas e conquista a confiança de autoridades a partir de sua condição de proficiente em um idioma desconhecido. Isso reforça a crítica social que o autor tece às elites brasileiras, que se utilizavam de subterfúgios diversos para ascender socialmente, tais como: apadrinhamento; condições econômicas; lobby e status quo para influência. Tal situação fica evidente no seguinte trecho do conto, quando o protagonista é indagado por um ministro a respeito do conhecimento sobre a língua exótica e receber uma promoção a oportunidade de representar o Brasil em um congresso. (BARRETO, 2016, p. 6):

"Então, sabe javanês?" Respondi-lhe que sim; e, à sua pergunta onde o tinha aprendido, contei-lhe a história do tal pai javanês. "Bem, disse-me o ministro, o senhor não deve ir para a diplomacia; o seu físico não se presta... O bom seria um consulado na Ásia ou Oceania. Por ora, não há vaga, mas vou

fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu ministério e quero que, para o ano, parta para Bale, onde vai representar o Brasil no Congresso de Linguística.

2.2.3 MARGINALIDADE NO CONTO: “CLÓ”

A história acontece em um dia de carnaval, festa popular no Brasil onde as pessoas costumam se fantasiar e usar máscaras alegóricas. Nesse sentido, em sua narrativa o autor apresenta o personagem Maximiliano, professor em idade avançada que analisa e critica a festa que segundo ele, seria motivo de degradação e degeneração para a sociedade fluminense daquele período.

Entretanto, Maximiliano é contraditório no que diz respeito às suas convicções morais, isso porque, ao mesmo tempo que o personagem marginaliza o carnaval, tem atitudes que demonstram degradação moral e ética. Isso pode ser visto quando o professor não repudia que sua filha, Cló, tenha envolvimento com o personagem André, que é um homem casado próximo a ele.

Dessa forma, pode-se depreender dessa dualidade do protagonista que há uma atitude hipócrita quando o mesmo condena a festa de carnaval; as pessoas que celebram o festival, e por outro lado aceita a infidelidade de André. Isso reforça o teor crítico barretiano que aponta a falta de coerência na mentalidade do velho professor, que embora defendesse os bons costumes, aceitava oferecer a sua filha para um homem casado tendo em vista benefícios.

2.2.4 MARGINALIDADE NA OBRA: “O MOLEQUE”

No conto, Lima Barreto retrata o subúrbio do Rio de Janeiro, lugar de destino dos marginalizados. Tal situação coincide com o surgimento das “favelas” cariocas, dado ao aumento do êxodo rural ocorrido nos Sécs. XIX e XX.

Conforme trecho do conto, o autor aponta a marginalidade do ambiente:

É um subúrbio de gente pobre, e o bonde que lá leva atravessa umas ruas de largura desigual, que, não se sabe por quê, ora são muito estreitas, ora muito largas, bordadas de casas e casitas sem que nelas se depare um jardimzinho mais tratado ou 178 se lobrigue, aos fundos, uma horta mais viçosa. Há, porém, robustas e velhas mangueiras que protestam contra aquele abandono da terra. Fogem para lá, sobretudo para seus morros e escuros arredores, aqueles que ainda querem cultivar a Divindade como seus avós. Nas suas redondezas, é o lugar das macumbas, das práticas de feitiçaria com que a teologia da

polícia implica, pois não pode admitir nas nossas almas depósitos de crenças ancestrais. (2010, p. 143)

Além do aspecto geográfico, é possível identificar a marginalidade no que diz respeito à religião afrodescendente e ao candomblé e práticas religiosas. Ademais, Barreto cita o personagem principal, denominado “Zeca”, que segundo ele tinha todos os traços de sua raça, os bons e os maus”. Nesse sentido, o protagonista do conto representa o contraste entre o fim da escravidão e o abandono a que foram relegados os negros recém libertos. Isso porque, embora tenham conquistado a liberdade, os negros não conquistaram a cidadania.

3. CONCLUSÃO

A partir do que foi abordado no presente estudo, pode-se inferir que a obra de Lima Barreto trouxe significativas contribuições para a literatura brasileira. Isso porque, o autor, além de apresentar ideias relevantes, tratou de escrever de uma forma que alcançasse um público amplo no contexto do Pré Modernismo.

Nesse sentido, a partir da obra de referência: “Lima Barreto, um triste visionário” da historiadora e antropóloga Lillia Schwarcz, foi possível apontar características essenciais no que diz respeito à forma de escrever e ao pensamento e mentalidade que motivaram o autor carioca a escrever sua obra.

Tendo em vista que Lima vivenciou a abolição da escravatura, aliado ao fato de ser negro, é possível identificar em sua obra personagens que em alguns casos se confundem com o próprio autor. Tais como Isaías Caminha em “O Escrivão Isaías Caminha” e Vicente Mascarenhas em o “Cemitério dos Vivos”. Além disso, Barreto representou o subúrbio carioca e as nuances das relações sociais que permearam o início da República no Brasil dos Séculos. XIX e XX. Tais situações são retratadas com bastante detalhes nos contos: “Cló”, “O moleque” e “O homem que sabia javanês”.

Além de Schwarcz, o presente trabalho utilizou-se da biografia: “A vida de Lima Barreto”, escrita pelo jornalista e historiador Francisco de Assis Barbosa. Tal obra é de suma importância por entrelaçar os contos, crônicas e romances

do autor com o período em que o mesmo viveu no Rio de Janeiro da 1ª República.

Em suma, é possível afirmar que o presente trabalho cumpriu com o seu objetivo, realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre o autor, suas obras e as biografias escritas sobre Lima Barreto. Nesse sentido, cabe ressaltar que o assunto não se esgota com a pesquisa aqui realizada, tendo em vista a extensão da obra do autor e a complexidade das estruturas sociais que o cercam. Assim, é necessário que a obra de Lima seja difundida com maior alcance dentro dos espaços de conhecimento, podendo ser trabalhada interdisciplinarmente juntamente com a Literatura, História, Geografia e a Sociologia.

Por fim, é necessário mencionar que o autor teve uma produção literária significativa, tendo em vista que morreu precocemente, aos quarenta e um anos. Em contrapartida, Machado de Assis, contemporâneo à Lima, escreveu suas principais obras depois dos quarenta anos (“Memórias Póstumas de Brás Cubas e “Dom Casmurro”). Nesse sentido, é possível que Barreto viesse a escrever suas principais obras também após os quarenta anos, idade em que muitos escritores atingem a maturidade intelectual, embora não seja possível afirmar tal previsão.

Lima, apesar de negro e vítima do alcoolismo, teve papel relevante para a literatura no Brasil e é considerado por muitos, um dos grandes escritores brasileiros. Assim, tendo em vista a marginalização dos negros e as barreiras invisíveis que são colocadas em suas vidas até os dias de hoje, é admirável que há mais de cem anos atrás um jovem negro tivesse a coragem de denunciar as mazelas de sua sociedade através da escrita. Todavia, o autor teve sua obra relegada durante muito tempo, e mais recentemente tem tido sua obra revisitada.

É necessário que os jovens tenham acesso à obra do autor, tendo em vista a sua importância para a literatura brasileira. Além disso, trata-se de uma atitude conscientizadora conhecer nosso passado através da literatura daqueles que muito bem retrataram o período que viveram, pois como muito bem foi dito: “Um povo que não conhece sua História está fadado a repeti-la.” (Edmund Burke)

BIBLIOGRAFIA

BARRETO, Lima. **O homem que sabia javanês**. Editora Best Seller, 2016.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Saraiva, 2002.

BARRETO, Lima. **Contos completos de Lima Barreto**. Editora Companhia das Letras, 2011

BARRETO, Lima. **“O pecado”**. In: **O homem que sabia javanês e outros Contos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. PENGUIN CLÁSSICOS, 2021.

DE ASSIS BARBOSA, Francisco. **A vida de Lima Barreto:(1881-1922)**. Autêntica, 2017.

FRANÇOIS, Michel Emmanuel Félix et al. **Tradução comentada: marginalidade em três contos de Afonso Henriques de Lima Barreto**. 2019.

FRAZÃO, Idemburgo. **TEXTO FICCIONAL E MARGINALIDADE: A LOUCURA COMO ÍNDICE DE MARGINALIDADE EM LIMA BARRETO**.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto-triste visionário**. Editora Companhia das Letras, 2017.